

# Extinção ameaça riqueza ignorada da caatinga

Sertão ganha seu primeiro perfil detalhado e projetos para preservá-lo trazendo recursos para população

Ana Lucia Azevedo

• A prima pobre do meio ambiente no Brasil ganhou seu primeiro perfil detalhado, com propostas para salvá-la antes que seja tarde demais. O relatório sobre a caatinga foi preparado por um consórcio integrado pelo governo federal, organizações não governamentais e centros de pesquisa. A descoberta mais surpreendente é que, na verdade, a caatinga não é pobre. Biologicamente falando, é rica, chegando em alguns pontos a rivalizar com a exuberante mata atlântica.

Porém, essa riqueza ainda mal conhecida está à beira da extinção. A caatinga cede lugar ao deserto rapidamente, numa tragédia ambiental capaz de tornar mais dura a vida de quem vive na região. E salvar a caatinga, alertam cientistas, é salvar a população que precisa dela para viver. A vegetação retrorrida da caatinga parece sem vida à primeira vista, mas é a base de um ecossistema que abriga de onças a plantas de valor medicinal.

— Não é coincidência que a ave mais ameaçada de extinção do Brasil, a ararinha-azul, seja da caatinga — disse o coordenador-geral do trabalho, José Maria Cardoso da Silva, da ONG Conservation International.

## Esforço para salvar o mais brasileiro dos ecossistemas

E a descoberta da riqueza do sertão é só uma das injustiças que os pesquisadores querem redimir. A maior delas talvez seja o fato de a caatinga nunca ter sido reconhecida como o mais brasileiro de nossos ecossistemas. Pois, se a Amazônia é nosso maior símbolo no exterior e a mata atlântica recebe loas como o berço e o alimento do povoamento, é a caatinga, na verdade, o único de nossos biomas — denominação mais abrangente do que puramente ecossistema — que só existe no Brasil.

A maior parte da caatinga já desapareceu e 68% já foram severamente alterados pelo homem. Do que resta, só uma ínfima parcela — menos de 3% — recebe algum

Editoria de Arte

## Saiba mais sobre a caatinga

### ÁREAS PRIORITÁRIAS PARA PRESERVAÇÃO

Ocupando uma área de 734.478 quilômetros quadrados, a caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. Ela existe em parte de Minas Gerais e em todos os estados nordestinos, à exceção do Maranhão. Sua biodiversidade ainda é pouco conhecida, mas tem 932 espécies de plantas, 380 das quais exclusivas.

**IMPORTÂNCIA BIOLÓGICA**

- Extrema
- Muito alta
- Alta
- Preservação urgente

*Pesquisadores identificaram 82 áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade da caatinga, boa parte delas compostas por brejos, formações isoladas de florestas onde até onças são encontradas*

#### ARARA-AZUL-DE-LEAR

*Anodorhynchus leari*

A caatinga é o habitat de duas das aves mais ameaçadas de extinção em todo mundo: a ararinha azul, oficialmente extinta na natureza, e a arara-azul-de-lear, cujo habitat foi reduzido a bolsões isolados. A recuperação dos habitats e o combate do comércio ilegal são condições essenciais para evitar que as duas espécies estejam extintas em poucos anos.

Um cacto *Melocactus bahiensis*, espécie típica da caatinga

Um calangulho de rabo azul

tipo de proteção. Por isso, encontrar uma forma de salvar a caatinga e ajudar a população, uma das mais miseráveis do Brasil, é um desafio para qualquer plano de desenvolvimento sustentável.

— A caatinga é o menos conhecido de nossos biomas e

abriga uma população muito pobre, que exerce imensa pressão sobre ela. Precisamos não só preservar o ecossistema quanto fazer com que possa continuar a ser explorado pela população, mas de forma sustentável, para que os recursos

umentem em vez de desaparecer — diz o botânico Marcelo Tabarelli, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que também participou do estudo.

A caatinga se estende por 734.478 quilômetros quadrados, dos quais 376.455 classificados co-

mo em alto risco de desertificação.

— Cerca de 50% da caatinga têm uma grande probabilidade de virar deserto se a situação continuar a mesma — frisa Cardoso da Silva.

Afastar o risco de desertificação custará tempo e dinhei-

ro, mas será muito mais barato do que depois tentar, literalmente, dar vida ao deserto.

— A desertificação é um processo economicamente desastroso, que só perpetuará o ciclo de destruição e miséria, castigando uma região que já sofre demais — observa Tabarelli.

## Destruição pode agravar a tragédia da seca

Na verdade, a desertificação altera o microclima já hostil do semi-árido brasileiro e pode agravar a seca, ao mudar o ciclo hidrológico e climático. A exploração de lenha é outra preocupação exposta no estudo — cujo nome oficial é “Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da caatinga”. A lenha tirada das árvores do semi-árido constitui a principal fonte energética do sertanejo.

— A lenha está acabando e isso terá imenso custo social. Ela é a matriz energética de uma população muito pobre — afirma Tabarelli.

Por isso, é social o primeiro motivo para a preservação.

— Esse bioma já presta muitos serviços: protege os solos, mantém os ciclos hidrológico e climático. Mas pode ser também uma fonte regular de alimentos nativos para o homem e seus animais — acrescenta o botânico.

Para José Maria Cardoso da Silva, a chave para qualquer projeto para o semi-árido está na educação ambiental:

— No trabalho, propomos atividades, como a apicultura, que podem melhorar a qualidade de vida do sertanejo e transformá-lo num parceiro para a preservação do meio ambiente.

Entre as atividades propostas pelo trabalho estão a piscicultura, o incentivo ao desenvolvimento de novas formas de captação de água e a recuperação das margens do São Francisco, hoje quase morto.

— A principal sugestão do trabalho é um planejamento integrado para toda a região. Ações isoladas têm quase sempre fracassado ou dado resultados limitados — destaca Silva. ■